

Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón em ligação vídeo a partir de Milão, 18 de novembro de 2020

Texto de referência: J. Carrón, Vês só aquilo que admiras, apontamentos da Jornada de Início de Ano dos adultos e dos universitários de Comunhão e Libertação, e J. Carrón, O brilho dos olhos. O que é que nos arranca do nada? 2020, capítulo 6 Filhos no Filho (pp.123-149)

- L'iniziativa
- Como llora una estrella

Gloria

Boa noite a todos. Jesus - dissemos - tinha uma relação verdadeira com o real por causa da consciência do Pai que o moldava. Por isso, Jesus pode introduzir os discípulos àquela relação de que Ele próprio vivia. E nós, hoje? Como é que somos introduzidos à relação com o Pai?

O capítulo 6 aborda uma questão essencial: “E nós, hoje, por quem é que somos introduzidos? É sempre Cristo quem nos introduz à relação com o Pai” (p.123). Em seguida, diz que Cristo irrompe hoje na minha vida atraindo-me a Si, através de uma carne concreta, uma presença através da qual posso fazer a mesma experiência de relação com Ele. Depois, levanta a questão da fé, do batismo, do Espírito Santo, por meio do qual nos tornamos filhos no Filho, portanto os dons hierárquicos e carismáticos. Ora, eu, de família católica, casada na Igreja, mãe de 4 filhos, todos com todos os sacramentos, professora, catequista, do Movimento desde miudinha, quer dizer, tenho tudo em ordem, não me falta nada, e no entanto falta-me tudo, porque embora eu queira viver só para Cristo, isto é só uma frase, Ele não irrompe, não me atrai para Si, um pouco como aquela senhora de 59 anos cujo testemunho é relatado neste capítulo, que já estava imersa na vida cristã, mas foi preciso acontecer qualquer coisa a certa altura, um imprevisto, um acontecimento para lhe fazer perceber a presença de Jesus, para a fazer experimentar Cristo vivo. Daqui a pergunta: o que é que aquele imprevisto acrescentou à vida dela? O imprevisto é claro e na minha vida também aconteceu o encontro com pessoas ou momentos de pessoas; mas de que é que depende que diante de um imprevisto, de um acontecimento, eu tenha a disposição certa do coração para O reconhecer? E qual é esta disposição certa do coração? Porque me parece que a tenho. Portanto, por um lado é uma Graça que aconteça e volte a acontecer, por outro lado, ainda que aconteça de novo, não basta, é necessária uma disposição do coração que O reconheça e O acolha para sentir Jesus vivo. Então qual é o problema? A maneira como sou? Uma minha disposição psicológica afetiva? As minhas circunstâncias? Sempre dissemos que não! E que, em qualquer condição em que nos encontremos, Cristo pode acontecer! Este tempo de pandemia trouxe-nos tantos testemunhos de como Cristo pode voltar a acontecer mesmo numa circunstância tão dramática! Portanto, parece-me que é apenas uma Graça, um dom, que não é uma estratégia, e que só resta continuar a pedir que aconteça de novo e esperar.

Obrigada por partilhares connosco a tua história de pertença desde pequena e o teu drama. Cada um de nós, se tem a mínima consciência de si mesmo, pode reconhecer-se na tua descrição: “Não me falta nada e, no entanto, falta-me tudo”. Para nós, muitas vezes, a resposta de Cristo identifica-se com deixar de haver qualquer falta. “Embora eu queira viver só para Cristo, isto é só uma frase, Ele não irrompe, não me atrai para Si”, dizes. Mas tens a certeza que se Cristo não irrompesse constantemente na tua vida e se não continuasse a atrair -te a Si, tu poderias dar-te conta que te falta tudo embora tenhas tudo? Como é que poderias desejar viver só para Cristo, Se Ele não te tivesse alcançado e não continuasse a alcançar-te? E se, ao invés, fosse verdadeiro o contrário? Ou seja, que precisamente porque não te falta nada, falta-te tudo. É através deste desejo sem fim que Cristo te está a chamar a Si, não a partir do exterior, mas do íntimo de ti, como se te dissesse: “Amiga, não sou Eu que te falta?” A mim impressionou-me sempre uma frase, que depois repeti milhares de vezes, que tinha lido em *don* Giussani, porque chegava àquele desejo de que falas, e desde então passei a olhar a falta daquela maneira. É como se Deus te dissesse: “Eu sou o Mistério que falta a cada coisa que tu aprecias”, (L. Giussani, *Avvenimento di libertà*, Marietti 1820, Genova 2001, p.149). Depois encontrei uma frase em S. Gregório de Nisa, um Padre da Igreja, que diz precisamente isto: “A alma é atingida e ferida pelo desespero de nunca obter aquilo que deseja, mas este véu de tristeza é-lhe tirado quando aprende que a verdadeira posse daquele que ela ama está no nunca cessar de o desejar” (Citado em L. Giussani, *Un avvenimento nella vita dell’uomo*, BUR, Milão 2020 p.216). É isto que é preciso aprender, de outra forma tu não te poderias levantar de manhã desejando encontrá-Lo. Nunca – nunca! - deixar de O desejar: este é o acontecimento da relação entre o homem e Cristo, que é fonte de um contínuo desejo que nunca acaba. É o encontro que o desperta e que suscita constantemente a capacidade de O desejar sempre. Que isto aconteça é sempre uma graça, e nós só podemos pedir e esperar deixar-nos surpreender pelo Seu acontecer.

Eu e o meu marido estamos metidos numa questão de COVID (felizmente leve) desde há algumas semanas: ele adoeceu e eu estou em quarentena por ser contacto próximo, apesar de estar bem. O desconforto, agravado por vários contratemplos e o mau serviço da entidade pública em relação ao nosso caso, a ansiedade, o desagrado por ter que interromper (ou modificar muito) os nossos trabalhos, as dificuldades de comunicação com o exterior, mas também a gratidão por não ter havido problemas mais sérios, a proximidade de parentes e amigos, toda a vivência destes dias gerou em mim um grande pedido de mudança, reacendeu o desejo de uma vida mais verdadeira, mais límpida em relação ao essencial, mais significativa também como testemunho de Cristo presente. Este pedido e este desejo são uma urgência em mim, mas digamos que não sei o que fazer com eles: não quero cair no moralismo de “vou fazer”, “vou ser”, “vou conseguir”, onde tudo depende do esforço de mudança e de coerência do meu eu, que aliás está abatido e fragilizado. Que dizes? Para onde devo olhar? Se é verdade que basta uma fenda para deixar entrar a luz, o que é que me é pedido neste momento, na tua opinião? Não quero desperdiçar mais uma oportunidade que me é dada nesta vida. Obrigada por tudo.

Obrigada. Cada um pode deixar-se determinar pelo mau estar, pela ansiedade, pelo desagrado de ter de interromper o trabalho, como dizes, ou então pode deixar-se arrastar pela gratidão que desperta um pedido de mudança, o desejo de uma vida mais verdadeira. É assim que de novo acontece continuamente, amigos. Pode passar através do Covid, através de qualquer circunstância que desperta em nós o desejo de qualquer coisa mais,

porque nem sequer a saúde é suficiente. E então, aquilo que é preciso é uma atenção. Tu perguntas: “Para onde devo olhar?”. Vejamos se esta noite, vendo, aprendes alguma coisa sobre o método através do qual ele nos introduz à resposta.

Conto dois episódios que se sucederam em pouco tempo, cujo significado histórico se mostrou inversamente proporcional ao impacto na minha vida do dia-a-dia. Em primeiro lugar, aconteceu que, depois de meses de grandes dificuldades no trabalho, durante os quais a necessidade de mudança se tornou evidente, chegou a oferta de trabalho da minha vida, a única pela qual eu realmente deixaria o meu trabalho atual porque combina bem a ambição profissional com a família. Porém, depois de um breve entusiasmo inicial, a notícia não mudou, de facto, o meu quotidiano, deixando-me enredada em todas as minhas tentativas ridículas. Com este mood começou a quarentena e depois de três dias a tentar organizar os dias propondo atividades divertidas aos meus filhos, estava de rastos. No quarto dia, percebi que qualquer pedido me irritava e que não conseguia olhar para eles. Depois de alguns dias em que o máximo da proposta eram desenhos animados e videochamadas com os avós, e em que o meu cansaço e a minha frustração cresciam, a certa altura a minha filha disse-me: “Mãe, que bom é estar contigo!”. Esta frase, tão simples, mas ao mesmo tempo tão clara, redefiniu imediatamente o método: eu só tenho de estar disponível para acolher Cristo que entra de novo na minha vida e a muda pela boca de uma criança de três anos. Estes dois acontecimentos impressionaram-me muito porque me fizeram voltar ao facto de que vivo à espera de que a felicidade chegue através da mudança das circunstâncias, enquanto Cristo me descobre em qualquer lado, mesmo nos momentos mais monótonos do dia.

É para aqui que nós precisamos de olhar: como acontece e onde acontece. “Eu vivo à espera de que a felicidade chegue através da mudança das circunstâncias, enquanto Cristo me descobre em qualquer lado”, até através da mais pequenina da casa: “Mãe, que bom é estar contigo!” Então, qual é o método? Disseste-o tu: “eu só tenho de estar disponível para acolher Cristo”, na modalidade com que nos chega e nos surpreende. Mas às vezes parece-nos que isto não é suficiente. E então surge uma tentação.

Tentei responder à pergunta que fizeste na última Escola de Comunidade: «Como é que o acontecimento do carisma se documenta hoje, para cada um de nós, na situação particular em que temos que viver?». Se penso no carisma, penso em don Giussani que me comunicou um modo de viver completamente desconhecido na minha experiência. Tenho a certeza de que, com o tempo, isto não resistiu e sobreviveu simplesmente em mim, mas mudou o percurso, a direção da minha vida, desde há mais de 40 anos. Ultimamente, volta-me a pergunta "O que teria sido e o que seria agora a minha vida se eu não tivesse encontrado determinadas pessoas, determinados rostos?". É fácil para mim responder que estaria dentro do "amontoado" de uma vida igual à de todos e apenas definida pela mentalidade comum (uma certa maneira de ajuizar, de pensar e de olhar). Pelo menos neste sentido posso dizer que a minha vida seguiu outro caminho ou melhor, dentro da realidade com todos, tive outra possibilidade de pensar, de ajuizar e de olhar. Nunca me afastei desta história, não procurei e acima de tudo não encontrei nada melhor, mas sinto que com o tempo o início pode esmorecer, que o desejo pode tornar-se menos vivo e que os rostos que tenho à minha volta podem tornar-se menos incidentes, quase como se dependesse de mim despertar o início promissor que o encontro com o carisma suscitou. Então pergunto-me: “Se tudo começou com um dom trazido por pessoas, por rostos específicos que eu não decidi, como é que permanece este início e

qual é a minha parte nesta permanência?” Pergunto porque às vezes parece-me que a novidade e o gosto do início dependem de um esforço meu.

Diante do esmorecer do início, vem a tentação de mudar o método. Tu descreveste-o de uma maneira muito eficaz: “Se tudo começou com um dom trazido por pessoas, por rostos específicos que não escolhi eu, como é que permanece este início e qual é a minha parte nesta permanência? [...] porque [...] parece que a novidade e o gosto do início dependem de um esforço meu”. Voltamos ao ponto de que fomos libertados pelo acontecimento cristão com a sua reviravolta de método: “O ponto central já não é o esforço de uma inteligência e de uma vontade construtiva, de uma fantasia esforçada ou de um complicado moralismo, mas a simplicidade de um reconhecimento” (L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, Verbo, 2002, p. 35). Nós, pelo contrário, cedendo à tentação de nos afastarmos do método de Deus, passamos da disponibilidade a acolher o dom à ilusão de que a novidade e o gosto do início dependem de um meu esforço. Este é o nosso dilema. Como sair dele?

Na página 138 do sexto capítulo, dizes que “a autoridade [...] é fator indispensável para o crescimento do eu” e que a autoridade “de certo modo é o meu “eu” mais verdadeiro”. Destas frases parece-me perceber que as palavras “autoridade” e “seguir” (que, pelo percurso feito nas últimas Jornadas de início de ano e em tantos anos de movimento sempre olhei com atenção e, julgo, com disponibilidade) são-me outra vez dadas aqui, potenciadas a mil e que são fundamento de mim mesmo. Então, gostava de perceber melhor para ter ainda mais consciência da sua importância para a minha felicidade e realização. Para conhecer quem eu sou! Porque me parece que mudam o ponto de partida para entrar no meu dia. Obrigada.

Perfeito! Pelo percurso feito nas últimas Jornadas de início de ano e em tantos anos de movimento olhaste sempre com atenção e disponibilidade para as palavras “autoridade” e “seguir”. Mas, agora, gostarias de perceber melhor, para ter uma consciência ainda mais clara do alcance destas palavras para a tua felicidade e para a tua realização. É precisamente na autoridade, segundo *don* Giussani, que nós podemos encontrar uma ajuda: “A autoridade é o lugar onde a luta para afirmar e a verificação para validar que a proposta de Cristo é verdadeira, ou seja, é resposta à percepção, às exigências do coração, é mais límpida e mais simples [...], é mais pacífica (L. Giussani in “*Chi è costui?*”, supl. da *Tracce*, n.º 9/2019, p.10). Mas nós devemos perceber isto a partir da nossa experiência: só quando encontramos uma autoridade esta palavra se torna evidente e é-nos dada de novo, como dizes, potenciada a mil. Quem é que descobriu, na sua experiência, o alcance da autoridade?

No trabalho com o grupo de Escola de Comunidade sobre o capítulo 6 surgiu a dificuldade de enfrentar a parte sobre a autoridade e a obediência. Era como se, enquanto falamos da vida e da amizade, tudo bem, mas quando entramos nestes dois termos, que, só de pensar, imediatamente nos põem à defesa, isso é outra coisa; é um assunto que não nos é familiar e perturba um bocado. Ou seja, como é “um clássico” que me dê trabalho entrar nestes temas, que parecem categorias abstratas e esquemáticas, com pouca relação verosímil com o quotidiano, então posso passar por cima, alegremente não lhes ligar, limitando-me a aflorá-los. Como é que é possível que, depois do fascinante enredo de “O que é que nos arranca do nada”, a “solução” da

pergunta colocada esteja na autoridade e na obediência? Parecia-me pouco gratificante, quase uma obrigação redutora. Mas depois interroguei-me: será que estes três parágrafos não têm mesmo a ver com a vida? O Carrón tinha que os meter aqui para quê? A mudança de olhar e de perspectiva chegou, sem mais delongas, no domingo passado, através de uma coisa aparentemente banal: um passeio na montanha com alguns amigos (antes das restrições de circulação). Quem guiava a caminhada tinha dito que era fácil. Mas, à medida que avançávamos, foi-se revelando cansativa e exigente para quem está pouco acostumado à montanha. Tudo me aborrecia. Por fim, chegámos. Olhar aquele panorama foi uma coisa do outro mundo. Cheio de gratidão, disse: “obrigado, é uma beleza”! À luz da Escola de Comunidade, aquilo já não era um facto banal para mim. Percebi, com a experiência, o que queria dizer a passagem da página 138 sobre a obediência: «A autoridade, de certo modo, é o meu “eu” mais verdadeiro. Hoje em dia, pelo contrário [...], a autoridade [...] é sentida, frequentemente, como algo estranho, algo que se “adiciona” ao indivíduo». Seguindo, numa companhia de amigos, uma coisa que me parecia não adequada fez-me descobrir uma coisa muito mais adequada a mim do que os meus pensamentos e raciocínios. É mesmo verdade que aquela antítese a que aludes na página 140, entre a busca de uma satisfação própria e a busca da própria conversão, é uma tentação constantemente presente. Já tinha tido essa experiência uns dias antes quando, na apresentação do livro O Abraço, organizada pelo nosso centro cultural, perguntei ao Fernando de Haro se tinha mudado alguma coisa nele por ter sido o instrumento da mudança do Arzumendi. Ele respondeu-me que tudo isto o tinha levado “a uma correção séria do conhecimento sobre aquilo que somos e não a uma posse como afirmação de si”. Mas eu, tendo ficado muito impressionado com este facto, já o tinha ultrapassado, arrumado como um ficheiro arquivado. Corrigiu-me durante um segundo. Foi preciso o passeio para reabrir o ficheiro. Então, esta é a minha pergunta: fiz experiência de que não existe “de uma vez por todas”, é uma coisa que não resiste, desaba tudo outra vez. Como é que é possível permanecer? Basta mesmo, só, como dizes, olhar com atenção?

Vês? Em primeiro lugar é preciso dar-mo-nos conta que ninguém te teria mudado a cabeça sobre a importância da autoridade se não tivesses feito aquele passeio: é de dentro da tua experiência (não sentado na poltrona a pensar sobre o assunto, mas através de um passeio na montanha), que descobres qual é o valor de uma pessoa que te guia. Por isso é caminhando que se descobre verdadeiramente qual é o valor da autoridade. E então, uma pessoa volta à pergunta: como é que é possível permanecer? É suficiente olhar com atenção? Esta é a pergunta que faço agora ao D. Pino pelo contributo que ele deu na Diaconia da Fraternidade de sábado passado, referindo-se à Jornada de Início de ano. Pino o que é que trouxe à tua vida esta Jornada e o testemunho do Azurmendi?

Respondo à tua pergunta com três observações. A primeira é a surpresa e a gratidão quando tu nos mostraste um facto, uma pessoa, Mikel Azurmendi, que estava a acontecer na tua e na nossa vida. Eu continuo a sentir isso como uma novidade, como um exemplo, para mim e para todos, da responsabilidade: o testemunho de seguir assim, a começar por ti, aquilo que acontece de novo e de o indicares a todos como autoridade. Segunda observação. Continua a vibrar na minha vida a provocação, que eu diria de método, que a Jornada de Início de Ano representa numa situação tão difícil e incerta. Retomo uma frase de don Giussani que tu citas no Brilho dos Olhos: Ter um pai [a paternidade] é uma condição permanente», mas «a geração é um ato presente»(p. 132). Reparo que às vezes, quer na Igreja, quer entre nós, é como se – digo isto também para mim – predominasse a preocupação, quase exclusiva - ainda que legítima e obrigatória -, com

o quadro mental, com a estabilidade ou com a mudança do quadro mental. O risco é o de raciocinar por categorias, reduzindo o carisma a um universal abstrato já conhecido por mim e ao qual devem ser reconduzidos, mecanicamente, os factos pequenos ou grandes que sempre acontecem. Pergunto-me: “O carisma tornou-se um universal abstrato, ou é uma história particular que, na história da Igreja e do mundo, continua a acontecer e assim nos abre à totalidade?” “Porque é que tens de ir ao universal!?”-interrogava-se o Azurmendi - O universal é uma ficção. Não há um universal em nenhum lugar”(citado em Só vês aquilo que admiras, p.17). Terceira observação. Creio que o contínuo aprofundamento da natureza do carisma está a acontecer, estamos a seguir em frente, estamos a caminhar precisamente segundo a dinâmica de olhar, reconhecer e seguir uma geração em ação, para cada um de nós, através do acontecimento de tantos factos em que a experiência da autoridade nasce verdadeiramente do encontro com pessoas, com momentos de pessoas nas quais vemos a vitória de Cristo. Considero muito preciosa a intervenção do Azurmendi e o facto de a teres primeiro indicado e depois retomado, precisamente na ótica deste perfil de método. Exprimo-o com uma expressão do próprio Azurmendi que sintetiza assim o seu percurso destes anos: «eu quis identificar os nexos causais e temporais do meu espanto.». (ibidem). À primeira vista parece estranho associar uma expressão tão racional, técnica, «nexos causais e temporais» à palavra «espanto», mas acho-a genial porque descreve a experiência de uma geração em ação através de factos e pessoas. Não é por acaso que ele faz a lista: o primeiro facto chama-se Fernando, depois veio o Javier e depois o Macário, e depois e depois e depois...Creio que esta dinâmica em ação não só nos testemunha a graça do carisma vivo, presente, como nos indica também a grande questão de método, que tu insistentemente continuas a lembrar-nos: reconhecer que o Acontecimento permanece, porque continua a acontecer. Isto parece-me a maior ajuda para evitar que nos fossilizemos nas definições, que nos preocupemos demasiado com o quadro mental relativamente àquele fluxo de vida no qual, ainda que em circunstâncias tão difíceis, estamos a participar todos juntos na companhia guiada».

Obrigada. Aquilo que acabaste de dizer ajuda-nos a perceber uma coisa que o *don* Giussani diz, ou seja, que a primeira tarefa da autoridade é identificar outras autoridades. Como é que eu identifiquei a autoridade do Azurmendi? Através do impacto de correspondência que surpreendi em mim ao ver o vídeo pela primeira vez. Foi a partir daí, como disse na Jornada de Início de Ano, que desejei seguir aquele impacto, propondo a todos o vídeo. E isto é libertador, porque não sou eu que tenho de gerar o acontecimento, não somos nós que o temos de gerar com o nosso esforço, temos só de reconhecê-lo quando acontece. É este o método do carisma. A nós toca reconhecê-lo. Oçam o que diz *don* Giussani: «O fenómeno inicial – [isto é] o impacto com uma diversidade humana, o espanto que daí nasce – está destinado a ser o *fenómeno inicial e original de cada momento do desenvolvimento*. Porque não há desenvolvimento algum se esse impacto inicial não se repete, ou seja, se o acontecimento não continua a ser contemporâneo» (L.Giussani *Qualcosa che viene prima*, Passos, nº 10/2008, p. 2), se não é um acontecer contínuo. É Deus que trata de o fazer acontecer de novo, como estamos a ver. A nós toca segui-lo. E é diante deste reacontecer que se revela a nossa disponibilidade em seguir o carisma. Mas, às vezes, de novo, parece que este fluxo de vida não é suficientemente incidente, porque não acontece segundo os nossos tempos, ou seja, logo! Por isso, o

verdadeiro desafio para nós é esperar e respeitar os tempos de Outro. Como é que descobrimos sobre a nossa pele o valor desta espera?

Vendo as histórias e a vida de tantas famílias como a minha, o que predomina é a ferida. A ferida de quem não pode ter filhos, a ferida dos nossos filhos acolhidos, a ferida das famílias que vivem o crescimento dos filhos acolhidos numa grande rebelião, que os leva também a fazer escolhas erradas. Em toda esta imensa dor existe um ponto de luz que é a nossa companhia dentro do movimento e em particular na obra das Famílias para o Acolhimento. Por causa desta experiência "particular" encontramos muitas pessoas, muitas que não são do Movimento, que antes de mais se sentem acolhidas, compreendidas e não julgadas. Os nossos filhos mais velhos são testemunho disto. Numa conversa com o meu filho, que recentemente foi pai, ele disse-me "A minha rebelião, a minha raiva comigo mesmo e com o mundo, que também trouxe consequências negativas, partia principalmente do medo! Que medo? Do abandono! Mas aí percebi que olhar apenas para o meu passado e para o meu mal não me permitia ser feliz! Então comecei um caminho: comecei a olhar para o meu presente, vocês que estão sempre presentes e que não me prenderam, que me deixaram livre de errar, disseram-me: "Agora é bom que te tornes responsável". E isso permitiu-me olhar para mim e também pensar no meu futuro! Depois conheci aquela que agora é a mãe do meu filho, mas não teria sido capaz de a reconhecer como um bem se não tivesse começado este caminho».

O teu testemunho documenta que "A geração é um ato presente" como nos recordava o *don Pino*. "Vocês que estão sempre presentes" disse-vos o vosso filho, mesmo quando pensavam que esta vossa presença não era suficientemente incidente para evitar que o erro. E no entanto, precisamente esta vossa "presença presente" como pais, aparentemente inútil, se olharmos para a rebelião, a raiva, os erros que fez durante anos, permitiu ao vosso filho libertar-se de olhar só para o seu passado e para o mal que não lhe permitia ser feliz. É espantoso, esta ligação, para nós um pouco estranha, entre conhecimento e felicidade. Para nós, o conhecimento é uma abstração que não tem nada a ver com a felicidade. Há um olhar que faz sufocar, aquele que só vê um aspeto da vida e por isso impede o conhecimento verdadeiro. Só quando o conhecimento deixou de estar determinado pelas suas análises do passado ou do mal realizado ("a partir de certos princípios ou critérios que depois se aplicam", como diz a Escola de Comunidade), mas por um acontecimento - a presença sempre presente dos pais - pôde o filho libertar-se da gaiola do passado e pensar até no futuro. Depois conheceu aquela que é a mãe do seu filho, "mas não poderia tê-la reconhecido como um bem" se não fosse pela vossa presença de pais. Quantos anos teve de esperar para poder reconhecê-lo, quando pensava que isso nunca poderia suceder! Mas aquilo que mais me impressionou ao ouvir-te falar foi ver que é que bloqueava o olhar do teu filho: "a minha rebelião, a minha raiva comigo mesmo e com o mundo [...] partia, principalmente do medo! Que medo? Do abandono." É comovente descobrir que o nosso interlocutor, no diálogo com os nossos filhos e com quem quer que seja, é este medo de ser abandonados, um medo que é também o nosso! Ou seja, o medo do nada. O medo que, no fim de contas, não haja nada que valha a pena. Esta é a verdadeira questão. Atenção para não confundir os sintomas (a rebelião, a raiva, a violência) com a sua origem, ou seja, o medo de ser abandonado. Este medo só foi vencido, no tempo, graças à presença presente dos pais (enquanto eles eram os primeiros a pensar que não tinha incidência). Como vocês devem ter desafiado este medo, pais, com a vossa própria presença, para que o vosso filho tenha alcançado a certeza de que não será

abandonado! Que certeza lhe comunicaram para alcançar aquela certeza! Uma certeza que não somos nós que produzimos, porque ninguém gera se não é gerado. Só se vocês, pais, e todos nós, nos deixamos gerar por Quem vence o nosso medo profundo, poderemos testemunhá-Lo aos outros, esperando e respeitando os tempos da sua liberdade. Como foi no início, também hoje a única coisa que nos pode arrancar do nada é a experiência de uma novidade que acontece agora. Como dizia *don* Giussani há alguns anos, respondendo à pergunta que lhe tinha feito Angelo Scola: “*Qual é a urgência mais radical para a missão dos cristãos hoje?* [...] Que o conteúdo desta mensagem comece a tornar-se experimentável como esperança no presente. (*Un avvenimento di vita, cioè una storia*, Edit-Il Sabato, Roma-Milano 1993, pp. 59-60).”

O que é capaz de gerar em nós esta certeza, até ao ponto de perceber em nós o desejo impetuoso de abraçar todos?

Desde que começou o primeiro confinamento em março, há um dado que me impressiona muito e que, precisamente porque não é uma coisa minha, mas um dom, desejo partilhá-la contigo. Desde que começou o confinamento sinto-me objetivamente mais cansada, com menos energias, com muitas alterações de humor e com alguns aspetos do meu temperamento exasperados pelas circunstâncias. O ensino online na universidade é pesado, alguns colegas e estudantes foram esmagados por problemas de saúde mental aumentados pela pandemia, pelo que o volume de trabalho administrativo e pastoral duplicou, foi-me retirada a possibilidade de viajar para ir a conferências, coisa de que eu gostava muito, em casa já não temos amigos a jantar como era frequente, e a convivência próxima provoca mais tensões do que o normal; não podemos voltar ao nosso país para visitar os avós, a nossa família. Poderia continuar a lista de coisas que todos nós achamos difíceis neste período. Tudo isto – do ponto de vista puramente humano – seria suficiente para aumentar o meu nihilismo e fechar-me ainda mais na minha concha. Pelo contrário, tenho de admitir e reconhecer com grande espanto e imensa gratidão, que isto não está a acontecer, aliás, está a acontecer precisamente o contrário! O meu coração não deixou de desejar e o meu desejo aumenta de dia para dia, o desejo de amor, de amizade verdadeira, de abraço ao mundo, de conhecimento. Como é que é possível que, dentro de um aumento objetivo do meu limite, o meu coração se expanda desta maneira? Certamente não é uma capacidade minha, mas o fruto da presença de Cristo aqui e agora, dentro desta realidade tão bonita e tão não minha. Cristo chega até mim através do meu marido, dos meus filhos, amigos velhos e novos (como Van Thuan, Azurmendi, a senhora de Taiwan que está doente com cancro e que escreveu para a Tracce), Cristo espreita dentro da dor de tantos estudantes que falam comigo e que sem saberem estão à espera do Seu abraço. E dou por mim de manhã, enquanto vou de bicicleta rumo ao trabalho, a olhar as pessoas com quem me cruzo na estrada com uma comoção enorme, perguntando-me se estão conscientes do destino de glória que os espera e de quanto Deus os ama agora, de tal forma que às vezes me caem as lágrimas e as pessoas pensam que sou doida. Por isso dou por mim, no meio de dias em que não tenho nem sequer um segundo de pausa entre trabalho e crianças, a pensar nas famílias que vivem o drama da violência doméstica, nos velhos sozinhos fechados nos lares, nos sem-abrigo, nos nossos irmãos cristãos perseguidos, naqueles que estão no hospital sozinhos, naqueles que não encontraram o Senhor e não sabem para o que vivem, e o meu coração arde de comoção, pedindo ao Senhor para poder gastar toda a minha vida, consumi-la por todos, poder abraçar todos e oferecer tudo por este mundo

que Ele criou. Resumindo, dentro de uma situação na qual, com dificuldade, tomo conta dos que me são próximos, o meu coração deseja abraçar todos, todo o mundo, todo o universo. Evidentemente, a Sua companhia atravessa e desfaz o limite do possível e lança de novo o meu coração para o impossível. E este horizonte infinito faz-me olhar para o meu dia-a-dia finito de um modo completamente novo, inquieto mas pulsante, doloroso mas verdadeiro. E pergunto-me: quem és Tu que acendes este fogo no meu coração? Obrigada.

Agradeço-te eu. Só ver a vitória de Cristo em nós nos faz desejar abraçar todos. Só isto nos faz sentir todos irmãos. E isto, paradoxalmente, muda ao mesmo tempo o nosso quotidiano finito (onde tantas vezes sufocamos), fazendo-nos olhar de um modo completamente novo. Esta novidade pode acontecer no quotidiano mais banal, na vida de todos os dias.

Portanto, o que é que vence o medo e o que é que desencadeia em nós?

Nestas semanas, voltei a dar-me conta de uma coisa importantíssima para mim. À noite, era assaltada por um grande medo. Perguntando-me de que era verdadeiramente sintoma este medo, apercebi-me que na realidade – bem lá no fundo – não era senão uma forma de manifestação de pedidos que tenho há muito tempo: que a vida não acabe, que a vida não tenha fim, quer como duração, quer como intensidade presente. Tudo isto voltou a explodir em mim com uma força inesperada e – às vezes – muito dolorosa. Tendo dentro de mim o aparecimento destes pedidos, ao longo dos dias apercebi-me de imensos pequenos factos significativos. Conto apenas um deles. Um rapaz do meu ano, numa das nossas Escolas de Comunidade, interveio dizendo: “eu encontro em mim um desejo enorme de viver a universidade como lugar onde posso ser educado. E vocês também têm este desejo. O que quer dizer vivê-lo verdadeiramente como protagonistas no meio de todas estas restrições, sem fugirmos ou nos contentarmos? Porque é que nós temos este desejo? Qual a sua origem? Não é fruto duma capacidade nossa. Queria partilhar estas perguntas com toda a universidade”. Eu fiquei entusiasmadíssima por ver que em alguém uma outra vida estava a vencer, e via-se pela diversidade com que olhava as coisas do costume, como a universidade. Através deste fluxo de vida, torna-se concreta e experimentável diante dos meus olhos a promessa de bem, de vida eterna e cheia de sentido (que eu não perca nada!) que é a minha existência. E isto acontece através de rostos de amigos, mas também de pessoas novas que se tornam verdadeiramente companhia para o destino através de factos, como aconteceu com este rapaz. Daqui nasceu o desejo, meu e de outros, de partilhar verdadeiramente com todos o desafio do nosso eu que se joga na universidade. Escrevemos por isso um pequeno manifesto e partilhámo-lo com toda a comunidade académica: do reitor aos diretores, até aos colegas de curso. Intitula-se: “A universidade não está fechada enquanto nós vivermos”. Nasceram daí diálogos interessantíssimos, a todos os níveis. Impressionou-me sobretudo que alguns dos meus colegas de curso, normalmente um pouco tímidos em ir para lá das aparências, depois de terem lido o manifesto, partilharam comigo as suas verdadeiras questões. Uma diz-me: “não quero viver como escrava nesta situação, sem sentir nada”. Outra: “se houver condições para isso, quero ver-te, preciso de falar contigo porque vale a pena viver agora”. Impressiona-me, porque é a confirmação factual de que Aquele que eu encontrei, que às vezes se serve também de nós e de um banal manifesto, faz vir ao de cima o humano, seja o meu, seja o dos meus colegas de curso. Resumindo, voltei a dar-

me conta de que quanto mais esta vida acontece e mais vivo as minhas perguntas, não sozinha, mas em relação com ela, mais o meu humano vem ao de cima, mais verdadeiro se torna. Tudo se torna chamamento de Alguém. Estou a vê-lo muito também no estudo. E o desejo de o comunicar ao mundo – também com coragem – nasce depois de forma simples, não como ativismo, mas como uma coisa que jorra em superabundância e que depois se aprofunda nos encontros que me acontecem. A este propósito, eu e duas amigas minhas tivemos um outro encontro interessante há alguns dias. Impressionadas – pela humanidade que dela transbordava – com uma entrevista dada pelo reitor duma universidade que não a nossa, escrevemos-lhe, mesmo sem o conhecermos, para lhe agradecer e partilhar as perguntas que são prementes para nós, algumas das quais escritas no folheto. Propôs-nos encontrar-se connosco e daí nasceu um diálogo fantástico, carregado de humanidade e partilha de factos e de perguntas sobre este período. Espanta-me, para além dos desenvolvimentos que isto poderá ter no futuro, que quanto mais eu sou gerada por esta vida que testemunhava, mais tenho a possibilidade de me jogar plenamente com todos, de aprofundar com curiosidade a pequena chama de verdade que vejo arder em cada um, até num reitor desconhecido. Apercebo-me de que assim gozo a vida infinitamente mais. Concluindo, continuo a ter imensos sentimentos (para não falar dos erros), do medo à alegria, à dor, à raiva, ao entusiasmo, mas o que domina é voltar a dar-me conta de que só posso dizer verdadeiramente eu na relação com quem me gera. O próprio medo torna-se ocasião, à noite, para me voltar a dar conta disto, podendo assim ir para a cama muito cansada, com todas as minhas perguntas, mas em paz, porque não estou sozinha a gritar contra o nada.

Obrigada. Como vemos, o teu medo - como o nosso -, foi desafiado por factos, pequenos ou grandes que sejam, como o do colega que quer viver a Universidade como protagonista, nesta situação. E a partir disto encontraste de novo o desejo de partilhar com todos o desafio de viver a Universidade como protagonista. Lendo o manifesto, outras colegas viram despertar também nelas o desejo de não viver como escravas, bloqueadas naquelas circunstâncias, e começam a querer dialogar contigo sobre o porque é que vale a pena viver hoje. São as perguntas profundas que se escondem atrás dos sintomas. Às vezes, basta um facto, como o manifesto, com que alguém arrisca o desejo que tem – “A Universidade não está fechada enquanto nós vivermos” - para desafiar aquele medo profundo de olhar para dentro de si até fazer explodir o desejo de perceber o que é que torna possível viver, o que é que torna a vida digna de ser vivida. E tu descobres que, quanto mais acontece esta vida, mais vivas se tornam as tuas perguntas; só na relação com aquela vida tudo se torna cada vez mais verdadeiro, tudo se torna o “chamamento de uma Pessoa”. Através de qualquer circunstância, é Cristo que nos chama. Este é o resultado final: “Quanto mais sou gerada por esta vida, mais tenho a possibilidade de me jogar plenamente com todos”, como dizia a nossa amiga.

Esta é a graça do carisma, como emergiu de tantas das vossas intervenções esta noite. Como nos recordou o Papa no início da Encíclica *Fratelli tutti*, São Francisco tinha o desejo “de abraçar a todos. A fidelidade ao seu Senhor era proporcional ao amor que nutria pelos irmãos e irmãs” (Carta Encíclica *Fratelli tutti*, 3). A graça recebida por São Francisco, como a que nós recebemos, era e é para todos. Por isso, só se a seguimos nos descobrimos desejosos de abraçar todos, de a partilhar com todos, de tornar todos partícipes deste dom, que recebemos gratuitamente. Por isso, concluí *O brilho dos olhos* com esta frase tão poderosa de von Balthazar: “O grão de trigo cristão [uma coisa tão

pequena como nós somos], só terá uma genuína fecundidade formadora se não se encapsular numa forma particular ilusória, ao lado das formas mundanas, condenando-se assim à esterilidade; se, a exemplo do seu Fundador, se [...] sacrificar como forma particular – sem angústia perante a perspectiva de ser abandonado e de se abandonar a si mesmo [como vimos esta noite. É isto que o mundo percebe]. Pois, aos olhos do mundo, só o amor é digno de fé”. (p. 149)

Deste modo introduzimo-nos ao tempo de Advento porque, seja qual for o influxo que a mentalidade dominante possa exercitar sobre nós e embora possa fraquejar em nós o nosso ímpeto, permanece sempre uma coisa diante esta mentalidade é obrigada a deter-se, “a natureza do homem, que é definida pelo sentido religioso”, ou seja, esta desproporção estrutural que nós podemos definir com a palavra “espera”. Diz *don Giussani*: “Essa natureza não só nunca poderá ser completamente atrofiada, mas estará sempre, mais ou menos sensivelmente, numa posição de espera” (*Un avvenimento di vita, cioè una storia*, Edit – Il Sabato, Roma-Milano 1993, p. 41). O Advento é o tempo desta espera, ao qual a Igreja nos introduz mais uma vez. Cristo responde a esta espera, que ninguém pode expulsar de si, como nós vimos, com uma Presença que fala através de factos, no início como hoje. O método é sempre o mesmo, como nos recorda constantemente o Evangelho. Impressiona-me sempre esta frase de Jesus que diz «Ditosos os vossos olhos, porque veem, e os vossos ouvidos, porque ouvem. Em verdade vos digo: Muitos profetas e justos desejaram ver o que estais a ver, e não viram, e ouvir o que estais a ouvir, e não ouviram!» (Mt 13, 16-17). Isto vale também para nós, que, sempre que nos encontramos, ouvimos todas estas histórias e vemos todos estes factos dia após dia. Os factos são a modalidade através dos quais Ele nos chama à conversão agora. Portanto, nós fazemos parte destes felizes bem-aventurados de que fala o Evangelho. Diante deles cada um de nós pode fazer hoje a verificação da sua disponibilidade, como fizeram aqueles que estiveram diante dos factos dois mil anos atrás, podendo recusar reconhecê-los: «Ai de ti Corozaim! Ai de ti Betsaida! Porque se em Tiro e Sidónia se tivessem sido operado os milagres que entre vós se realizaram, de há muito que teriam feito penitência.» (Lc 10,13). Por isso, acompanhem-nos – testemunhando-o uns aos outros - no seguir estes factos, para não ter de ouvir como dito a cada um de nós aqueles “Ai de ti!”. Pois através destes factos, quem nos está a chamar? Jesus continua: «Quem vos ouve, é a Mim que ouve, e quem vos rejeita, é a Mim que rejeita; mas quem Me rejeita, rejeita Aquele que Me enviou» (Lc 10,16). É através do testemunho de alguém presente que Cristo nos chama hoje, é Ele que tem ainda piedade de nós e bate à nossa porta neste início do Advento para agarrar tudo de nós e para chegar através de nós a todos. Então, bom Advento!

Escola de Comunidade. A próxima escola de comunidade terá lugar na quarta-feira, 16 de dezembro, às 21h.

Recomeçamos o trabalho sobre o livro «Gerar rasto na história do mundo», trabalhamos sobre o ponto 7 do 2.º capítulo, com o título “A responsabilidade e a decisão”. Vem mesmo a propósito com a questão de como é que estamos a responder a estes factos que temos diante dos nossos olhos.

Na secção “Escola de Comunidade” do site do CL podem encontrar os ficheiros áudio desta parte e das partes anteriores.

Tracce. Continua a campanha especial de assinaturas da *Tracce*, que está a ter um bom sucesso. Esperamos que continue e que isto ponha em movimento quem ainda não se pôs em ação. Tem o título: *Quem tem um amigo oferece um tesouro*. Aos assinantes é oferecida a possibilidade de dar de presente uma assinatura a um novo amigo com o preço muito vantajoso de apenas € 15. Para informação contactar o ofício de assinaturas da Tracce, abbonamenti@tracce.it.

Livro do mês. Propomos também para o mês de dezembro a leitura do livro do Mikel Azurmendi «O abraço. Para uma cultura do encontro». Lembro que o texto está disponível também em *ebook*.

Manifesto de Natal. Vemos juntos o vídeo que foi preparado com o texto e a imagem do Manifesto deste ano.

O texto é uma frase de *don* Giussani: “Ele está presente aqui e agora: aqui e agora! Emanuel. Tudo deriva daqui; tudo deriva daqui, porque tudo muda. A Sua presença implica uma carne, implica uma matéria, a nossa carne. A presença de Cristo, na normalidade da vida, implica cada vez mais o bater do coração: a comoção da Sua presença torna-se comoção na vida quotidiana. Não há nada de inútil, não há nada de estranho, nasce uma afeição a tudo, tudo, com as suas magníficas consequências de respeito pelas coisas que fazes, de precisão nas coisas que fazes, de lealdade com a tua obra concreta, de tenacidade na perseguição do seu objetivo; tornas-te mais incansável. Realmente, é como se se perfilasse outro mundo, outro mundo neste mundo.”

A imagem deste ano é *Noite de Inverno* de Jean François Millet. Porquê esta imagem? Como diz o texto de Don Giussani que escolhemos, “a comoção da Sua presença torna-se comoção na vida quotidiana”. Aquele que esperamos e que todos esperam, é precisamente que a nossa quotidianeidade se encha desta comoção, como dizia a nossa amiga no início, que seja iluminada pela Sua presença: este é o evento inaudito do Natal. Comentando a imagem, o nosso amigo Giuseppe Franci escreve assim, como vocês vão ler na Passos de dezembro:” É uma cena real que, no entanto, assume uma força metafórica; não é uma Sagrada Família mas está como que investida por aquele nexo certo entre o quotidiano e o eterno que precisamente a família de Nazaré tinha experimentado e trazido ao mundo. A própria luz da lâmpada de azeite, ponto de irradiação colocada no centro da composição, precisamente em cima do berço do menino, lembra a iconografia da Natividade”.

O vídeo-manifesto que acabamos de ver está disponível desde hoje no site e nas redes sociais do movimento, e nos próximos dias será também disponibilizado em inglês, espanhol, português e francês. Pode ser um instrumento útil também para quem tenha problemas em adquirir o manifesto em papel, por causa das restrições em vigor. Usemos o manifesto entre nós e com as pessoas que encontramos, os amigos, parentes e colegas, como ocasião para poder fazer memória e para dar testemunho do que nos é mais caro na vida.

Bom Advento a todos e bom caminho!

Veni Sancte Spiritus